

Prazer e cura: a escrita erótica de Carmen Faustino e a (auto)representação da mulher negra

Pleasure and Healing: The Erotic Writing of Carmen Faustino and the (Self)Representation of Black Women

Ana Terra Araújo

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Salvador | BA | BR
CAPES
anatterraaraujo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8237-4385>

Elizabeth Gonzaga de Lima

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Salvador | BA | BR
profbethliteratura@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3877-3776>

Resumo: Na cena literária, seja na autoria ou no protagonismo, a presença de corpos femininos negros não ocorre com a mesma frequência ao compararmos com as mulheres brancas. Buscando traçar novas estratégias para ocupar espaços e criar narrativas de (auto)representação, mulheres negras estão explorando o caminho da escrita erótica, uma vez que o erotismo, como menciona Audre Lorde (2020), é uma potência transformadora responsável por fazer despertar o que há de mais íntimo e subjetivo. Para exemplificar essa questão e conhecer como essa escrita erótica vem sendo produzida, analisaremos duas poesias de Carmen Faustino, “Punany” e “Estado de libido”, presente no seu primeiro livro de autoria solo *Estado de libido ou poesias de prazer e cura* (2020). Esta leitura analítica almeja fortalecer a visibilidade das obras literárias produzidas por mulheres negras que, por meio do erotismo, estão ocupando a cena literária e criando novas formas de (auto)representação e apropriação de si.

Palavras-chave: escrita erótica; mulheres negras; (auto)representação; *Estado de libido ou poesias de prazer e cura*.

Abstract: In the literary scene, whether in authorship or protagonism, the presence of black female bodies does not occur with the same frequency as that of white women. Seeking to develop new strategies to occupy spaces and create narratives of (self)representation, black women have been exploring the path of erotic writing, since eroticism, as Audre Lorde (2020) points out, is a transformative power capable of awakening what is most intimate and subjective. To illustrate this issue and understand how this erotic writing has been pro-



duced, we will analyze two poems by Carmen Faustino, “Punany” and “Estado de libido”, from her first solo book *Estado de libido ou poesias de prazer e cura* (2020). This analytical reading aims to strengthen the visibility of literary works produced by black women who, through eroticism, are occupying the literary scene and creating new forms of (self)representation and self-appropriation.

Keywords: erotic writing; Black women; (self) representation; *Estado de libido ou poesias de prazer e cura*.

Introdução

[...] as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra

(Evaristo, 2005, p. 6).

Nessa passagem, extraída do texto “Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira” (2005) publicado na *Revista Palmares*,¹ Conceição Evaristo (2005) nos convida a pensar sobre os discursos estereotipados utilizados para construir a representação da mulher negra na sociedade brasileira. De acordo com a autora, são elaboradas narrativas que corroboram com a inferioridade desses corpos, no intuito de seguir mantendo a ideia de corpos subalternos, submissos e marginalizados.

A representação é um exercício que envolve poder, linguagem, imagens e demais símbolos responsáveis por retratar algo ou alguém. De acordo com Stuart Hall, em *Cultura e representação* (2016), quando recorremos ao dicionário, essa categoria analítica é resumida da seguinte forma:

I – Representar algo é descrevê-lo ou retratá-lo, trazê-lo à tona na mente por meio da descrição, modelo ou imaginação; produzir uma semelhança de algo na nossa mente ou em nossos sentidos. II – Representar também significa simbolizar alguma coisa, pôr-se no seu lugar ou dela ser uma amostra ou um substituto (Hall, 2016, p. 32).

¹ A *Revista Palmares – Cultura Afro-Brasileira* é uma publicação organizada pela Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura. As edições costumam ser compostas por fotografias, poesias, ensaios e artigos que buscam promover e valorizar aspectos da história, da arte, da literatura e da memória dos povos africanos, visando contribuir no combate ao racismo e estimular a divulgação de novas(os) autoras(es) negras(os).

Hall (2016) propõe que o ato de representar não consiste, exclusivamente, em refletir a realidade, mas no ato de produzir significados sobre algo ou alguém. Portanto, a representação atua como um elo entre a cultura e a linguagem, afinal de contas, é por meio do discurso que podemos compreender, organizar e representar os sujeitos, as relações e o *corpus* social. Desse modo, o exercício de representar contribui para a construção das questões acerca da identidade e da diferença.

No caso do corpo feminino negro, por exemplo, essa representação foi, por muito tempo, construída com base nos discursos protagonizados por indivíduos que dominavam a sociedade e possuíam o poder da linguagem. Logo, por conta dos resquícios da escravidão, estereótipos voltados à hipersexualização, animalização e/ou infantilização foram utilizados para representar as mulheres negras:

A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negro/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial (Evaristo, 2005, p. 52).

A herança escravocrata enraizou na sociedade brasileira a ideia de que o corpo negro é uma propriedade, por isso, merece ser violentado, possuído e controlado. As negras escravizadas eram tratadas como um corpo-objeto responsável por satisfazer as necessidades do homem branco. Estar sempre à mercê e em posse do outro cerceou a chance de as mulheres negras construírem sua identidade de forma (auto)atribuída, fazendo com que elas fossem resumidas a uma “trabalhadora em tempo integral para seu proprietário” (Stampp, 1956, p. 343).

O trabalho imposto a essas mulheres ultrapassava as finalidades lucrativas, uma vez que seus corpos eram utilizados pelos homens brancos, senhores de engenho, que buscavam satisfação carnal por meio de práticas violentas. Em virtude disso, tornaram-se corriqueiros episódios em que as negras escravizadas eram estupradas por esses senhores que alegavam punir, por meio da violência sexual, as escravas desobedientes e subversivas.

A maneira violenta como esses corpos foram controlados resultou em marcas de objetificação e marginalização. Essas marcas depreciativas acabam se imbricando nas entranhas da sociedade, reverberando nas relações e questões sociais. No que diz respeito à cena literária, foi recorrente o surgimento – e a circulação – de produções em que as mulheres negras foram representadas de forma inferiorizada.

A hegemonia do corpo branco contribuiu para que discursos marginalizados acerca do corpo negro ganhassem força e continuassem a ser (re)produzidos socialmente. Dentro dessa intencionalidade de marginalização das pessoas negras, um dos discursos que continua sendo reforçado é aquele responsável por descredibilizar a capacidade intelectual desses corpos.

Mulheres negras, por exemplo, por muito tempo foram colocadas como pessoas incapazes de produzirem intelectualidade, portanto era esperado que essas mulheres se contentassem com as narrativas escritas por terceiros, na maioria das vezes, por homens brancos e heterossexuais. O resultado desse fenômeno foi a dificuldade de identificação, afinal, a cada leitura, as mulheres negras não conseguiam sentir-se representadas.

Ao refletirmos sobre as mulheres negras e a cena literária, é possível chegarmos à conclusão de que essa relação foi construída de maneira paradoxal e angustiante: ora de ausên-

cia, ora de representações estereotipadas. A forma depreciativa com que esses corpos são representados está cristalizada nas entranhas da sociedade a ponto de reverberar nas relações e questões sociais. Por isso, foi bastante recorrente a presença de produções literárias que trazem a mulher negra nesse lugar de invisibilidade e/ou submissão, pois:

[...] tanto autores dos primeiros textos da literatura nacional quanto os mais aclamados do século XX representam as mulheres negras como inferiores, tratando seus corpos como objetos [...] dessa forma, observamos que a representação desse sujeito na literatura brasileira foi, por muito tempo, estigmatizada. A carga de preconceito e estereótipos a que a mulher negra foi submetida na sociedade refletiu-se na literatura por meio de representações machistas, sexistas e de preconceito racial (Silva, 2018, p. 306).

A maneira que se dá essa representação faz com que as mulheres negras – ao consumirem essas produções – não consigam se identificar, resultando em desconforto e conflito identitário. Folhear os livros e não encontrar outros corpos negros protagonizando ou escrevendo as histórias, ou, quando encontrar, deparar-se com representações que não condizem com a sua existência e subjetividade é a comprovação de que “[...] o sexismo legitima a exploração sexual da mulher negra” (bell hooks, 1993, p. 3).

Desconfortáveis com esse cenário e munidas por um desejo incontável de subverter a ordem, mulheres negras passaram a buscar espaços dentro da cena literária com o intuito de construir novas formas de representação que estimulem a identificação. Esse fenômeno aproxima-se do que Conceição Evaristo (2017) chamou de “escrivência”, mulheres negras que buscam caminhos alternativos para produzir literatura, tendo a sua voz no controle e protagonismo da narrativa.

Nessa tentativa de estimular a construção de um novo imaginário social, no qual seus corpos sejam representados de maneira (auto)atribuída, mulheres negras têm encontrado na escrita erótica a força vital para falar sobre questões acerca do seu corpo e da sua sexualidade; questões essas que, por muito tempo, foram proibidas, negadas e controladas.

Essas produções se constituem de maneira urgente e transgressiva, afinal apresentam escritos que buscam por meio da autonomia de si, da (auto)representação e da vivência do erótico ressignificar a maneira como o corpo feminino negro vinha sendo representado. A exemplo, temos o livro *Estado de libido ou poesias de prazer e cura* (2020) da escritora Carmen Faustino, publicado pela Editora Oralituras.

Fluida e revigorante como as águas, a escrita de Carmen Faustino nos faz alcançar o inebriante estado de libido, como o título antecipa. O livro reúne 58 poesias autorais que mesclam elementos, sentimentos e sensações para que possamos vivenciar a experiência do erótico a partir do olhar de uma mulher negra. Além dos relatos de desejo, relações consentidas, masturbação, conhecimento de si, amor-corpo-político, amor próprio, quebra de tabus e orgasmos, as poesias eróticas de Carmen Faustino fazem com que as mulheres negras alcancem o suprasumo do prazer: ver o seu corpo sendo representado com sensibilidade, afeto e poder.

Escrever, subverter e (auto)representar-se

Em 1933, a primeira edição de *Casa-grande & senzala* era lançada e tratada como uma produção que buscava dialogar com as transformações sociais, econômicas, estruturais e políticas vivenciadas pela sociedade. Em um período que o Brasil almejava construir e compreender sua identidade nacional, Gilberto Freyre trouxe ponderações de como ocorreu, na prática, essa construção após a abolição (1888) e o fim da Primeira República (1889-1930).

Partindo de uma análise, por vezes romantizada, das relações estabelecidas entre os senhores de engenho/donos da casa-grande e as(os) negras(os), Gilberto Freyre defende que a formação da sociedade brasileira se deu por meio da miscigenação. Propondo que as três raças – brancos, negros, indígenas – estabeleçam relações de forma harmoniosa, o autor acaba por reforçar estereótipos, ao passo que constrói uma narrativa ilusória e romântica acerca da formação identitária nacional.

Descartando os relatos de violência física, moral e sexual, *Casa-grande & senzala* (2003) reproduz a perspectiva eurocêntrica, na qual o discurso dominante é o proferido pela elite branca. Tais narrativas foram responsáveis por descrever e reduzir às mulheres ao papel de corpo-objeto, incumbido de satisfazer as necessidades daqueles que dominavam a pirâmide social. Classificadas com base na sua utilidade era possível encontrar as cozinheiras, arrumadeiras, acompanhantes, trabalhadoras braçais, prostitutas, e, também, as “mães pretas” – que serviam de ama de leite/cuidadora, dedicando-se, integralmente, ao cuidado e formação das crianças brancas.

Narrativas consagradas, como *Casa-grande & senzala* (2003), contribuíram para criar uma visão estereotipada acerca das mulheres negras. Sendo tratadas como incapazes de produzir intelectualidade e tecer relatos sobre si, a representação dessas mulheres ocorreu de maneira atribuída, logo, foi negado a essas mulheres a oportunidade de experienciar a subjetividade e a autonomia de si.

A vivência do erótico, enquanto essência, por exemplo, foi uma experiência negada às mulheres negras na tentativa de seguir dando munção para os discursos responsáveis por colocar esses corpos no lugar de submissão e subserviência. Proibir o despertar da essência erótica é seguir controlando esses corpos para que eles continuem atuando como um corpo-objeto voltado a atender as necessidades do outro, sem qualquer entendimento de si, mantendo as associações que beiram a hipersexualização e vulgaridade.

Retomando *Casa-grande & senzala* (2003), é possível destacar que as mulheres negras eram descritas como sensuais, disponíveis, quentes e exuberantes. Essa representação atribuída por aqueles que usufruem desses corpos é uma maneira de manter outras formas de controle que vão além do controle físico:

[...] a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda de mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata (Freyre, 2003, p. 34-35).

A maneira como esse discurso é construído contribui para que os corpos das mulheres negras permaneçam sobre controle daqueles que desejam possuí-los. Entendendo as particularidades da época, o autor faz o uso do termo “mulata” para se referir às mulheres negras menos retintas – mulheres essas que ele defendia como símbolo da miscigenação nacional. Entretanto, compreendendo a complexidade e desuso do termo, entendemos aqui que a maneira como o autor se refere às “mulatas” é algo que reflete nas mulheres negras em geral, por isso, é cabível utilizar essa passagem para entender como se deu a construção da sexualidade da mulher negra. Uma sexualidade construída na violência, no descaso e na disponibilidade do prazer masculino.

Ao longo dos anos, com o intuito de manter a submissão das mulheres negras, foi imprescindível que as representações atribuídas fossem construídas com base nesse olhar sexista, patriarcal e racista. Por isso, o imaginário de mulher negra fogosa, sensual, exótica, disponível e incansável sexualmente ganhou espaço nas mais variadas formas de representação, seja literária e/ou imagética.

Rita Baiana, por exemplo, personagem do livro *O cortiço* (2009) de Aluísio Azevedo, foi construída a partir de características concentradas na sensualidade e na capacidade de seduzir os homens. Pensada, estrategicamente, para assumir um comportamento extravagante e, por vezes, chamado de amaldiçoado, em meio a sociedade conservadora e sexista do século XIX, Rita foi pejorativamente rotulada de demônio:

[...] ninguém era como Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante [...] no seu farto cabelo, crespo e reluzente puxado sobre a nuca. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda (Azevedo, 2009, p. 49-58).

Ao construir a personagem enquanto uma mulher negra que utiliza seu corpo como instrumento de sedução e perdição masculina, Aluísio Azevedo retroalimenta os estereótipos que dominavam as relações sociais nessa época – a ideia de que mulheres negras não mereciam ser valorizadas, uma vez que seus corpos deveriam ser controlados, utilizados e descartados.

Rita Baiana é um exemplo emblemático da forma como a mulher negra vinha sendo representada na sociedade brasileira do século XIX. A personagem refletiu como o corpo feminino negro se tornou alvo de uma ambivalência esmagadora: ora cobiçado e erotizado, ora desumanizado e culpabilizado. É importante mencionar que essa cobiça e erotização não ocorreu de maneira espontânea e positiva, mas, sim, por meio de uma construção discursiva atrelada à desumanização, inferiorização e negação da subjetividade.

Stuart Hall (2016) chamou atenção para a história de uma mulher negra que foi tratada como uma atração de circo. Associada a uma aberração, Saartjie Baartman, apelidada de Vênus Hotentote, era exposta em uma jaula onde caminhava de um lado para outro nua. A elite europeia consumia esse “espetáculo” com entusiasmo e agitação, até porque, observar esse corpo, especialmente os glúteos, atraía multidões, causando um delírio coletivo:

O que atraiu a audiência não foi somente seu tamanho (ela tinha diminuto 1,37 metro de altura), mas também sua esteatopigia, suas nádegas protuberantes, uma característica da anatomia hotentote, e o que foi descrito como o “avental hotentote”, um alongamento dos lábios vaginais causado pela manipulação da genitália [...] conforme foi cruamente observado por alguém: podemos dizer que ela leva sua fortuna por trás dela, talvez Londres nunca mais veja um pagão com uma bunda tão pesada (Hall, 2016, p. 203).

A maneira como essa mulher negra foi exposta contribuiu para que esse corpo fosse tratado como mercadoria-espetáculo. Debord (2005) chama atenção para o conceito de sociedade do espetáculo enquanto um fenômeno que regula a forma como se estabelece a representação – por meio das imagens, mercadorias, espetáculos e discursos:

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade, e como instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo o olhar e toda a consciência. Pelo próprio fato de este setor ser separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; e a unificação que realiza não é outra coisa senão uma linguagem oficial da separação generalizada (Debord, 2005, p. 9).

Nesse movimento de espetacularização, Debord (2005) destaca que, atendendo a lógica dominante, tudo pode ser transformado em produto. Além dessa construção de uma representação-mercadoria, o espetáculo interfere nas relações e na maneira como a sociedade se organiza, ao passo que cria padrões e instaura a competição e desigualdade. No caso de Saartjie Baartman, essa mulher negra não é representada de forma subjetiva, mas sim como uma figura exótica, animalizada e objetificada. Transformar essa mulher em uma “aberração” passível de espetacularização foi uma forma de satisfazer as necessidades e os fetiches de uma sociedade colonial, racista e sexista, além de instaurar no imaginário social a ideia de que todas as mulheres negras obedecem a esse estereótipo.

A maneira como o corpo dessa mulher foi exposto dialoga com o poder centralizado no ato de representar o outro a partir de um olhar deslocado da realidade daquela(e) que está sendo representado. Ao tentar, intencionalmente, tornar o outro um objeto a ser consumido por um público específico, constrói-se uma representação composta por imagens, discursos, estereótipos, padrões e papéis que valem mais do que a experiência propriamente dita.

Retomemos, então, os exemplos aqui mencionados, *Casa-grande & senzala* (2003), com a personagem Rita Baiana e o caso de Saartjie Baartman. Se levarmos em consideração que ambos são um produto a ser consumido pela sociedade, chegamos ao ponto de que o corpo feminino negro precisou ser moldado para atender a lógica dominante. A figura da mulher negra passa a ser representada como um espetáculo do (e para o) outro, portanto, o olhar e a experiência dessas mulheres precisam ser controlados para que elas se limitem à representação criada e imposta por terceiros.

Para tal feito, fez-se necessário que as mulheres negras fossem alienadas da sua realidade, subjetividade e sexualidade. Isso justifica, por exemplo, a recorrência de produções que retratam a mulher negra nesse lugar de corpo-objeto para satisfazer o prazer alheio. Em virtude disso, por muito tempo, ao buscar produções que retratam seu corpo e sua sexualidade, um paradoxo é instaurado – ou esses corpos não eram retratados, ou estavam sempre à mercê do desejo do outro. Um corpo-exótico que era erotizado para servir de espetáculo para aqueles que dominavam a sociedade.

Representadas, escritas e consumidas por homens brancos, as mulheres negras começaram a perceber que a sua existência era, corriqueiramente, reduzida a narrativas com personagens – as quais deveriam causar uma relação de identificação – que nem sempre possuíam nome, não tinham voz própria e eram reféns de uma sexualidade reduzida a estereótipos racistas e sexistas.

Nessas narrativas, a erotização dos corpos negros femininos atua como um instrumento de manutenção do fetiche colonial. Para que isso ocorresse, foi preciso negar às mulheres negras a experiência de vivenciar o erotismo em sua plenitude. Até porque se a potência que habita no erótico fosse despertada, essas mulheres buscariam romper com esse lugar de subordinação e servidão. É justamente esse movimento que tem ocorrido na contemporaneidade, mulheres negras estão se apropriando da escrita erótica tanto para romper com as imposições e estereotipizações destinadas a seus corpos quanto para assumir o protagonismo da narrativa, criando novas possibilidades de (auto)representação.

Nessas produções é comum que as escritoras negras explorem o desejo e a sexualidade a partir de uma perspectiva autônoma, de forma que a mulher negra fosse retratada como agente de prazer e não apenas como objeto a ser consumido e descartado por terceiros. Para alcançar esse objetivo, as produções eróticas de autoria negro-feminina tendem a abordar o autoconhecimento e o controle de si, do corpo e do prazer.

Com o intuito de romper com o erotismo que apenas reproduz estereótipos e alimenta a fantasia do leitor masculino-branco, escritoras negras estão transformando a escrita erótica como forma de conquistar o empoderamento, retratando relações afetivas e sexuais que se desconectam dos padrões impostos pelo racismo, patriarcalismo e sexismo. Ao representar o corpo feminino negro de forma empoderada e segura de si, essas escritoras enxergam no erotismo a chance de se afirmarem como um corpo político que, por meio da literatura, tem buscado formas de resistir, ressignificar e se curar das mazelas histórico-sociais cristalizadas na sociedade.

Nos escritos eróticos produzidos por mulheres negras, podemos perceber que as narrativas se apresentam a partir de uma voz própria responsável por verbalizar seus pensamentos, desejos, anseios e questões acerca do corpo e da sexualidade, sem deixar novas margens para a perpetuação de tabus e imposições. Ainda que essas escritoras não se coloquem como personagens das suas narrativas, é possível perceber que as narrativas possuem muito de cada uma delas e das experiências vivenciadas ao longo de suas existências.

Partindo da individualidade, essas autoras conseguem alcançar uma dimensão coletiva. Afinal, é através dessa escrita erótica que elas desfazem a representação atribuída por terceiros e elaboram espaços de representação (auto)atribuída em que o corpo feminino negro é um território de prazer, transgressão, desejo e liberdade. Nesse cenário de representação atribuída, a mulher negra é um corpo erotizado, descrito de maneira pejorativa e hipersexualizada, com o objetivo de satisfazer aqueles que o consomem. Um corpo que não deveria ter vivência, experiência, essência; por isso, é crucial negar a experiência do erótico. Existe uma diferença entre o corpo que é erotizado para satisfazer e o corpo que se percebe erótico. O primeiro, é submisso. O segundo, subversivo.

A subversão, nesse processo, implica em alterar a forma como o erotismo é utilizado no exercício da escrita. Quando a autoria é branca, masculina e reprodutora do modelo colonial, a mulher negra é representada de forma fetichizada, silenciada e objetificada. Ao subverter esse padrão, escritoras negras utilizam o erotismo como aliado para proporcionar novas formas de representação (auto)atribuída – em que o corpo sente, existe, goza, reivindica e transcende.

Ao retratar o corpo feminino negro de maneira subjetiva, rompendo com a lógica racista e sexista, a escrita erótica produzida por essas mulheres é, também, vista como um manifesto político, no qual a resistência e a existência se tocam e se fundem como se fossem um só. Dialogando com essa ideia de escrita enquanto ato político, Audre Lorde (2020) nos convida a pensar no erotismo como uma força vital e criativa que contribui para o processo de (re)conexão das mulheres negras com tudo aquilo que lhes foi negado ao longo dos anos – emoções, sensações, afeto, prazer e amor.

Segundo bell hooks (2021) o amor é uma potência que corrobora para o enfrentamento das imposições e violência. Desde o período da escravidão, o amor – manifestado na coletividade – era fundamental para o processo de cura e sobrevivência. Corpos negros violados e violentados precisavam recorrer ao cuidado de outros corpos negros para se manterem vivos, fortalecidos e combativos. Portanto, desde esse período até os dias atuais, negar às pessoas negras o direito ao amor, ao prazer e outras emoções é uma forma de impedir a possibilidade desses corpos assumirem o protagonismo das suas vidas, ao passo que constroem formas de se representar e de existir de maneira humanizada e subjetiva.

Dessa maneira, é possível afirmar que ao se dedicar a escrita erótica, as mulheres negras estão sendo as protagonistas de uma revolução – afetiva, sexual, emocional e literária. Através de relatos sobre seus corpos, seu desejo, prazer, orgasmos, amor, relações consensuais, masturbação e (auto)representação, essas mulheres reivindicam espaços outrora negados, representações depreciativas sobre si e imposições que agredem a sua subjetividade. É por meio da escrita erótica que as escritoras negras estão se reconectando com a sua essência, se autodefinindo e assumindo o papel mais importante – o de dona de si.

O “estado de libido” e a escrita erótica de Carmen Faustino

Em relação à representação da mulher negra na cena literária, voltamos a destacar que a estereotipização e/ou apagamento desses corpos resultam em feridas que demoram cicatrizar. Feridas que incomodam, latejam, doem, sangram e são passadas de geração a geração. A dificuldade de cicatrização ocorre porque essas lesões são simbólicas, logo, recorrentemente, são reforçadas e “cutucadas” devido à desigualdade de raça e gênero cristalizada na nossa sociedade.

As mulheres negras choram e sangram a todo momento, ainda que não ocorra de maneira explícita. A cada tentativa de criar sua identidade e (auto)representar-se, esses corpos negros precisam revisitar as dores que ambientam a sua trajetória – e daquelas que lhes antecedem – para tentar criar formas de resignificação e transgressão. Resignificar as feridas, transformá-las em marcas de luta e, finalmente, transgredir as imposições ao mesmo passo que elaboram as trilhas do próprio caminho, para que resulte no pertencimento de si.

Na tentativa de criar novas possibilidades de resignificação e cura para essas feridas, o que proporciona outras formas de representação mais condizentes e sensíveis a sua trajetória, muitas mulheres negras têm recorrido ao exercício da escrita erótica enquanto forma de expressão e transgressão.

Através dessa forma de escrita capaz de trazer questões por muito tempo adormecidas e silenciadas por terceiros, as mulheres negras estão assumindo o protagonismo da voz, da escrita, do controle do corpo e do prazer. A literatura erótica tem estimulado a possibilidade de reconstruir as tessituras de um *corpus* social que as invisibilizaram, marginalizaram e desprestigiaram.

Pensar em como a escrita erótica tem proporcionado às mulheres negras novas formas de (auto)representação dialoga com a proposta de reconexão abordada por Grada Kilomba (2019). Segundo a autora, a literatura atua como um “fio” responsável por reconectar o elo que foi rompido devido aos traumas causados pelo racismo estrutural, sendo o termo trauma:

[...] originalmente derivado da palavra grega para “ferida” ou “lesão”. O conceito de trauma refere-se a qualquer dano em que a pele é rompida como consequência de violência externa. Analiticamente, o trauma é caracterizado por um evento violento na vida do sujeito [...] a escravização, o colonialismo e o racismo cotidiano necessariamente contêm o trauma de um evento de vida intenso e violento, evento para o qual a cultura não fornece equivalentes simbólicos e aos quais o sujeito é incapaz de responder adequadamente (Kilomba, 2019, p. 214).

Tais traumas acabam resultando em experiências perturbadoras e angustiantes, de forma que o silêncio é imposto e pessoas negras são condicionadas a não verbalizar suas vivências. Isso implica que na sociedade beira uma fantasia colonial de que só corpos brancos são dignos e capazes de verbalizar suas vivências. Questionando, também, esse silêncio imposto às mulheres negras, Audre Lorde (2020) nos provoca a pensar como, em muitos momentos, o ato de manter-se calada foi apresentado às mulheres negras como uma tática de proteção em uma sociedade racista e sexista.

Ao entender que o silêncio é uma mazela a ser enfrentada, Audre Lorde (2020) destaca que precisamos assumir vínculos com a linguagem para, enfim, transformar esse silêncio em linguagem e ação. Para tal feito, é preciso pensar em estratégias que estimulem essa transformação como, por exemplo, o exercício da escrita erótica, uma vez que:

O erótico é um recurso intrínseco a cada uma de nós, localizado em um plano profundamente feminino e espiritual, e que tem firmes raízes no poder de nossos sentimentos reprimidos e desconsiderados. Para se perpetuar, toda opressão precisa corromper ou deturpar as várias fontes de poder na cultura do oprimido que podem fornecer a energia necessária à mudança. No caso das mulheres, isso significou a supressão do erótico como fonte considerável de poder e de informação ao longo de nossas vidas (Lorde, 2020, p. 67).

Com isso, ao enveredar-se no caminho da escrita erótica, mulheres negras estão se apropriando de uma potência que muitas vezes lhes foi negada. Negar a vivência do erótico, enquanto essência, foi uma estratégia daqueles que desejavam seguir controlando esses corpos, afinal “[...] com a celebração do erótico em todos os nossos esforços, meu trabalho passa a ser uma decisão consciente – uma cama tão desejada, na qual me deito com gratidão e da qual me levanto empoderada” (Lorde, 2020, p. 69). E, em uma sociedade desigual, mulheres empoderadas são perigosas.

Assim, apropriar-se do erótico para ocupar a cena literária e tecer relatos sobre si é, antes de mais nada, um ato político. Através da escrita erótica, as mulheres negras estão rompendo tabus, assumindo o controle do próprio corpo, desmitificando a sexualidade e conhecendo os caminhos para sentir prazer.

Dentro desse cenário, podemos conhecer muitas autoras que têm enveredado pelo caminho da escrita erótica. Carmen Faustino, por exemplo, é uma mulher negra nascida e criada na periferia de São Paulo. No *Portal da Literatura Afro-Brasileira* (literafro), a autora é

apresentada como poeta, escritora, editora, educadora, gestora sociocultural e ativista. Manter-se articulada com outras mulheres, na maioria das vezes negras, sempre foi uma marca da proposta político-artística-literária de Carmen Faustino. Repetindo o cenário comum às mulheres negras que se dedicam a escrita, essa autora iniciou a vida literária publicando seus escritos em antologias, afinal, para aquelas(es) que sempre foram colocados à margem, o primeiro passo tende a ser dado coletivamente.

Em 2020, Carmen Faustino alcançou o feito de publicar seu primeiro livro de autoria solo. *Estado de libido ou poesias de prazer e cura* (2020) é uma obra que reúne poesias eróticas que nos convidam a refletir e deleitar-se com escritos sobre o prazer, o autocuidado, o consenso, o orgasmo e o afeto – tendo o corpo da mulher negra no protagonismo. Ainda que esse livro seja sua estreia de maneira solo, a autora já destacou em vários momentos que esse trabalho é resultado de uma coletividade que a impulsiona, chegando a realizar uma postagem no *Instagram*, no seu perfil “simbiótico” – pessoal e profissional –, para agradecer a premiação do seu livro no 1º *Prêmio Pretas Potências*.² Carmen Faustino enalteceu a rede de apoio e a coletividade da editora que materializou sua obra – *Oralituras*.

Criado em 2019, com coordenação de Maitê Freitas, *Oralituras* se apresenta, nos seus perfis nas redes sociais, como uma editora voltada para promover a publicação de autoras negras e indígenas – cis e transgênero. De acordo com as informações contidas no *site*, a editora é pensada como um caminho para que o público mencionado tenha a oportunidade de ocupar a cena literária, trazendo novas perspectivas e novas autorias.

Lançado um ano após o surgimento da editora, o livro de Carmen Faustino – *Estado de libido ou poesias de prazer e cura* (2020) – dialoga com a perspectiva de atuação da *Oralituras*. A obra traz à tona uma nova voz, uma nova perspectiva e um compilado de textos que rompem com o silêncio imposto ao corpo e ao desejo das mulheres negras, proporcionando novas formas de representação e entendimento de si.

A escrita de Carmen Faustino vai além de, simplesmente, trazer o erótico a partir da perspectiva das mulheres negras, tais escritos são um convite para a transcendência. Ultrapassando os limites da experiência comum, o trabalho literário-político-artístico dessa autora é repleto de transbordamentos – de amor, de autocuidado, de amor-próprio, de ressignificações, de controle/conhecimento de si e, como enfatiza o título, de prazer e cura.

Carmen Faustino, através da escrita erótica, enfrenta e rompe padrões a partir do momento que articula suas reflexões inferindo intencionalidade em cada palavra utilizada; como podemos perceber em um dos seus escritos, intitulado “Punany” (Faustino, 2020, p. 35). Por meio de uma pesquisa incipiente, no *Google*, é possível perceber que esse termo é uma palavra derivada do inglês e pode ser associada ao ato de manter relações sexuais com uma mulher. Ou, ainda, pode ser usada como uma gíria para falar do órgão sexual feminino.

Em ambos os casos, o termo é, por vezes, tratado como uma expressão vulgarizada. Ainda assim, desapegando-se da possibilidade de sua escrita ser chamada de vulgar e dedicando-se a intenção de romper com o tabu que, por muito tempo, ficou em torno do órgão e da sexualidade feminina, Carmen Faustino, em 11 versos, mescla as duas associações referente ao termo *punany* – vagina e/ou sexo com uma mulher:

² Projeto realizado pela *Preta Hub*, viabilizado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), que premiou 150 artistas/grupos negros de diversas áreas – Música, Artes Cênicas, Artes Visuais, Literatura e mais.

Minha buceta
É o poder
Negrume mistério
De vício e prazer
Que te engole
Te domina
E você
Vaidoso
E preocupado
Apenas com seu falo
Nem vê
(Faustino, 2020, p. 35).

Em “Punany” (Faustino, 2020, p. 35), mais do que a menção ao órgão sexual feminino, a autora traz um teor de sacralidade ao mencionar o quão poderoso e digno de veneração esse órgão é. Mesclando os termos “negrume” e “mistério”, essa buceta preta e poderosa encobre mistérios nem sempre desvendados; mas, quando bem visitada, tende a ser um palco de prazer, a ponto de se tornar viciante.

Carmen Faustino (2020, p. 35) rompe com tudo aquilo que, historicamente, foi silenciado, diminuído e objetificado. Ao afirmar “Minha buceta / É o poder”, a escritora não só desfaz com as imposições destinadas ao corpo feminino como também inverte a ordem e coloca o órgão sexual feminino como símbolo de potência. Destacando que esse corpo-negro é um mistério, a autora aborda que o desconhecido pode vim atrelado ao poder, afinal, por não ser dominado pela lógica falocêntrica, essa mulher negra tem a oportunidade de vivenciar experiências que não exterminam a sua subjetividade.

Nesse escrito, temos como eu lírico uma mulher dona de si, que reconhece o seu poder e, por conta disso, consegue dominar o ato sexual e compreender que não precisa estar refém do outro, afinal, seu corpo é uma zona erótica, misteriosa e prazerosa. “Punany” (Faustino, 2020, p. 35) é o retrato e o relato de uma mulher que se descobriu e aprendeu a utilizar a essência erótica ao seu favor.

Nessa poesia, o erotismo aparece como uma potência ativa, capaz de estimular a transgressão e o entendimento de si. O corpo feminino negro não é consumido como se fosse um prato de comida a ser devorado, na verdade, essa mulher é quem consome a ponto de se tornar um corpo “[...] que te engole / Te domina” (Faustino, 2020, p. 35). Rompendo com a lógica de que o prazer masculino deve estar no centro da vida e da narrativa, “Punany” (2020, p. 35) traz, como menciona Audre Lorde (2020), um erotismo responsável por desestabilizar hierarquias, até porque:

Fomos educadas para temer o “sim” dentro de nós, nossos mais profundos desejos [...] O medo de não sermos capazes de superar quaisquer distorções que possamos encontrar dentro de nós nos mantém dóceis e leais e obedientes, definidas pelos outros, e nos leva a aceitar várias facetas de nossa opressão por sermos mulheres [...] no entanto, quando passamos a viver de dentro pra fora, em contato com o poder erótico [...] me torno menos disposta a aceitar a impotência, ou aqueles outros estados do ser que nos são impostos e que não são inerentes a mim, tais como a resignação, o desespero, o autoapagamento e a autonegação (Lorde, 2020, p. 72-73).

Ao desestruturar as hierarquias, apresentando uma voz poética menos disposta a aceitar as imposições, Carmen Faustino (2020) faz uma crítica ao falocentrismo, quando expõe uma figura masculina preocupada, apenas, como o próprio órgão. Em *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (2021), Oyèrónké Oyewùmí destaca que o falocentrismo é uma construção colonial incumbida de colocar o masculino como legitimador da linguagem, do desejo, do conhecimento e da estrutura social. Assim, homens e narrativas que acreditam que o órgão sexual masculino deve estar no centro de tudo tendem a não se preocupar com o prazer feminino, mantendo a concentração em um só ponto, não o G, mas sim, o falo.

Portanto, em “Punany” (2020, p. 35), Carmen Faustino consegue realizar três movimentos fundamentais: enaltecer a mulher negra como detentora do poder que nela habita; optar por uma abordagem erótica que impulsiona e contribui para a construção da autonomia; e, denunciar, ao mesmo passo que rompe, com os padrões/limitações impostos pelo falocentrismo.

É possível notar em outras poesias desse livro que, além desse enfrentamento ao falocentrismo, a autora traz uma voz feminina negra que não só retira o falo da centralidade como também apresenta novas e outras formas do corpo sentir prazer. Em uma das poesias, composta por 4 estrofes, 20 versos e que é intitulado com uma parte do título da obra, Carmen Faustino apresenta uma forma ainda estigmatizada de alcançar o gozo:

O que se foi
Não me deve nada
Me suporte
Todos os dias
Para não minguar
Ilusão
Em pequenos
Poderes

Meu prazer
É transe
Explosão de sabores
Não atende ao modelo

Me basto
Me toco
Me gosto

E se gozo
É para preencher
Meus sonhos
E contemplar meus
Misteriosos espaços
(Faustino, 2020, p. 33).

“Estado de libido” (Faustino, 2020, p. 33) aborda a masturbação feminina e o fato de que ao tocar-se, esse corpo feminino negro passa a se conhecer, se satisfazer e se poupar das questões que poderia vivenciar ao deitar-se com alguém que só se preocupa com o próprio gozo. O fato de as mulheres negras passarem a se conhecer contribui para sua libertação de um passado marcado por imposições raciais, sociais e de gênero.

Nos versos “O que se foi / Não me deve nada” (Faustino, 2020, p. 33), por exemplo, podemos presenciar uma mulher que se liberta da cobrança, do ressentimento e dos pudores que atravessavam a sua construção. Assim, ao descrever a relação de um eu lírico que cessa com as imposições destinadas ao seu corpo e ao seu gozo, essa poesia alcança um tom de autonomia e entendimento de si.

“Estado de libido” (Faustino, 2020, p. 33) é uma poesia que nos convida a pensar no prazer fora das normas preestabelecidas, por isso, os versos tendem a propor uma ruptura com os modelos impostos pelo *corpus* social. A forma como se dá a construção de prazer, independente de um parceiro, é um marco político, tornando-se, então, algo sensorial, intenso e próprio. Afinal, como vemos nos versos “Meu prazer [...] não atende ao modelo” (Faustino, 2020, p. 33), essa mulher negra já tem a compreensão da maneira como são impostas as questões acerca da sexualidade e decidiu não compactuar com elas.

Ao optar por abordar o prazer como uma experiência transgressiva, Carmen Faustino elabora os versos, trazendo a ideia de um prazer não, exclusivamente, físico mas, também, como uma manifestação que contribui para a exploração interior, de forma espiritual, poética e imersiva. Com isso, ao dizer “E se gozo / É para preencher [...] E contemplar meus / Misteriosos espaços” (Faustino, 2020, p. 33), esse eu poético afirma que o prazer tem sido um instrumento fundamental para buscar novas formas de se conhecer.

Tais imposições consistem no fato de que, por muito tempo, foi propagado o discurso de que o ato sexual possuía apenas duas finalidades: o prazer sexual masculino e a maternidade. Com isso, assuntos como prazer feminino, masturbação feminina e lesbianismo ocupavam – e, a depender da inclinação ideológica, ainda ocupam – a prateleira do tabu e da estereotipação. Questionando, rejeitando e ultrapassando esse cenário de preconceitos e limitações, a poesia “Estado de libido” (Faustino, 2020, p. 33) traz um corpo feminino negro que se toca e, por isso, se conhece, se entende, se ama e se basta.

Le Breton (2016) apresenta o toque como uma forma de linguagem. Para esse antropólogo, o toque vem acompanhado de mensagens e significados culturais, afinal, é através dele que podemos expressar emoções, sensações e sentimentos. Logo, ao refletirmos sobre a função do toque durante o ato sexual, chegamos à dimensão de que:

O tocar é o sentido primeiro do encontro e da sensualidade, ele é uma tentativa de abolir a distância ao se aproximar do outro, numa reciprocidade imediatamente engajada. Não existe tocante sem tocado. No erotismo, a carícia é uma encarnação mútua dos amantes. Cada um se revela a si mesmo pelo afeiçoamento ao corpo do outro. A reciprocidade da mão e do objeto alcança aqui sua plena medida. A mão toca e ela mesma é tocada. Ela encarna todo o poder de engendrar da mão (Le Breton, 2016, p. 262).

No entanto, como compreender a função do toque quando não existe esse “outro” para tocar e ser tocado? Talvez, o caminho seja entender o toque como uma forma de pertencer a si. Ao trazer na sua poesia essa mulher que se toca e se basta, Carmen Faustino nos diz que esse corpo feminino negro é alvo do próprio desejo e que ao permitir deleitar-se nos próprios dedos consegue ressignificar as imposições, reconstruindo seu corpo como um espaço sagrado – digno de prazer e subjetividade.

Com isso, na poesia “Estado de libido” (2020, p. 33), Carmen Faustino articula corpo, interioridade, subjetividade e prazer enquanto elementos que contribuem para a conquista

da autonomia de si e do autocuidado. Por meio de um escrito com forte descrição sensorial, a autora apresenta um eu lírico em transe após experienciar uma conexão com o próprio corpo, a partir de vivências sensíveis, íntimas, eróticas e ressignificantes.

Em síntese, assim como foi possível experienciar nesses dois escritos, *Estado de libido ou poesias de prazer e cura* (2020) é um livro composto por 58 poesias que retratam a liberdade e autonomia sexual da mulher negra. Através da escrita erótica, Carmen Faustino traz, para o centro da narrativa, o corpo, o gozo e a subjetividade da mulher negra por meio de poesias que retratam: prazer e autoerotismo; intimidade, masturbação e descoberta do próprio corpo; relações amorosas, sexo consensual e afetividade; enfrentamento de traumas, cura emocional e autocuidado; lesbianismo, amor livre e amor afrocentrado; e, conexões ritualísticas, ancestralidade e espiritualidade.

Por isso, é possível afirmar que a escrita erótica de Carmen Faustino contribui para a ressignificação do imaginário acerca das mulheres negras, de forma que, ao romperem com as imposições e opressões, essas mulheres tornam-se sujeitos dignos de prazer, plenitude, afeto, cura e orgasmos. Afinal, como destaca Audre Lorde (2020, p. 74), “o erótico não pode ser sentido de segunda mão”; logo, é preciso vivenciá-lo fora das curvas, das normas e dos pudores, como uma energia interna e potente que nos conecta com os outros mas, antes de mais nada, com nós mesmos.

Considerações finais

Peço licença para relatar uma experiência vivida anos atrás, quando comecei a consumir literatura erótica. Após a leitura do primeiro romance erótico, tornei-me entusiasta desse gênero, assim, além dos romances, passei a buscar poesias, contos e crônicas que trouxessem o erótico como palco principal.

Com o decorrer das leituras, a padronização dos corpos retratados começou a me causar estranheza. Lia, relia, folheava diferentes títulos e o incomodo só aumentava: não enxergava meu corpo naquelas linhas. Muitas palavras lidas e em nenhuma delas o sentimento de representatividade crescia dentro de mim. A partir disso, surgiu uma inquietação: mulheres negras não são merecedoras de sentir prazer? De sentir e proporcionar prazer, no caso. Aquele prazer consentido, que satisfaz por completo, fazendo com que o corpo se sinta pleno.

Convicta de que as mulheres negras são sim dignas de orgasmos, coloquei no *site* de pesquisas “mulheres negras que escrevem literatura erótica” e, felizmente, as minhas hipóteses se confirmaram. Há sim mulheres negras bebendo na fonte do erotismo para fazer literatura, trazendo corpos negros para esses espaços até então protagonizados, exclusivamente, por corpos de mulheres brancas.

Nomes estrangeiros como Rebekah Weatherspoon e India T. Norfleet ganharam logo as primeiras páginas. Mas, nomes de autoras brasileiras, também, se fazem presente como Mikaelly Andrade, Ryane Leão, Vanessa Rodrigues, Monique dos Anjos, Tatiana Nascimento, Livia Natalia, Mel Duarte, Carmen Faustino e muitas outras. Algumas similaridades marcam a produção dessas escritoras como, por exemplo, o fato da maioria já ter participado de coletâneas e antologias. Fato esse que reforça a premissa de que aquelas(es) que, inicialmente, não encontram espaço no mercado editorial tradicional precisam recorrer à coletividade como estratégia de publicação.

Outro fator em comum é o fato de que essas mulheres negras enxergam na escrita erótica a oportunidade de criar novas formas de representação. Além da ausência, outrora mencionada, outro problema era a maneira que esses corpos eram retratados quando mencionados. A estereotipação e a promiscuidade acertavam esses corpos em cheio, dificultando a identificação de outras mulheres negras quando se dedicavam à leitura. Insatisfeitas com esse cenário e dispostas a utilizar a escrita erótica como aliada no processo de (auto)representação, essas escritoras negras elaboram novas formas de abordar questões acerca do corpo e da sexualidade das mulheres negras.

A exemplo, temos Carmen Faustino, mencionada nesse trabalho, uma mulher negra que até 2019 havia concentrado a sua participação na cena literária, compondo coletâneas que abordavam as nuances e subjetividades do corpo feminino negro. Em 2020, a escritora faz sua estreia solo com o livro *Estado de libido ou poesias de prazer e cura*, publicado pela Editora Oralituras. O livro é composto por 58 poesias eróticas que trazem o corpo feminino negro como protagonista da narrativa. Rompendo com tabus e estereótipos que, por muito tempo, representaram as mulheres negras de forma equivocada, Carmen Faustino mescla sentimentos, sensações e elementos que nos convidam a experimentar outras formas de tocar/ser tocada.

Ao quebrar as amarras e dissolver a brutalidade com que o corpo feminino negro costumava ser retratado, Carmen Faustino nos permite vivenciar um orgasmo que começa lento e vai se intensificando com o decorrer das páginas folheadas. Relatos de amor, de afeto, de corpos que se entrelaçam, de gozo que escorre pelas pernas, de olhos que se olham e se comem lentamente, de mãos que percorrem o próprio corpo, de mulheres que se olham com carinho, se admiram e se conhecem, de bocas que se beijam com ternura e de feridas que se curam – na cama e na vida.

A escrita erótica de Carmen Faustino apresenta-se como uma prática que desobedece, subverte, transgride e retira a mulher negra do lugar de “outro”. Nesse processo, a mulher negra deixa de ser uma espectadora na última fileira, ansiando por um espaço, e passa a se colocar como autora da sua própria história; protagonizando, construindo e contemplando um espetáculo com direito a (auto)representação, voz ativa, subjetividades e orgasmos.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Jaraguá do Sul: Avenida, 2009.

CARMEN Faustino. In: *Literafro*: o portal da literatura afro-brasileira. Belo Horizonte: Literafro, 2025. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1339-carmem-faustino>. Acesso em: 31 ago. 2025.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares*, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FAUSTINO, Carmen. *Estado de libido ou poesias de prazer e cura*. São Paulo: Oralituras, 2020.

- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. Ed. São Paulo: Global, 2003.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- hooks, bell. *Tudo sobre o amor*: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- hooks, bell. *Eu não sou uma mulher?* Mulheres negras e feminismo. Tradução de Marcos Santarrita. Salvador: EdUFBA, 1993.
- KILOMBA, Grada. *Memórias de plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres*: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- SILVA, Ana Rita Santiago da. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. *Fólio—revista de letras*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 20-37, abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/3622>. Acesso em: ago. 2025.
- STAMPP, Kenneth M. *The Peculiar Institution*. Nova York: Vintage, 1956.